



CRIADOS

Prefácio de JOHN PIPER



Organizado por JONATHAN PARNELL & OWEN STRACHAN

PARAA

COMO O EVANGELHO IMPACTA HOMENS

E MULHERES, IDENTIDADE E PRÁTICA



ALEGRIA

E

Criados para a alegria – Como o evangelho impacta homens e mulheres, identidade e prática, de Jonathan Parnell e Owen Strachan © 2022 Editora Cultura Cristã. Traduzido de *Designed for Joy: How the Gospel Impacts Men and Women, Identity and Practice* Copyright © 2015 by Desiring God. Publicado pela Crossway, ministério de publicações da Good News Publishers, Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta edição foi publicada por acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2022

Conselho Editorial	Produção Editorial
Cláudio Marra (<i>Presidente</i>)	<i>Tradução</i>
Christian Brially Tavares de Medeiros	Meire Portes Santos
Filipe Fontes	<i>Revisão</i>
Heber Carlos de Campos Jr	André Scordamaglio
Joel Theodoro da Fonseca Jr	Maria de Fátima Correia Gomes
Misael Batista do Nascimento	Marcos Leonardo Paixão da Silva
Tarcizio José de Freitas Carvalho	<i>Editoração</i>
Victor Alexandre Nascimento Ximenes	Spres Diagramação & Design
	<i>Capa</i>
	Jonatas Belan

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sueli Costa CRB-8/5213

P256c Parnell, Jonathan

Criados para alegria / Jonathan Parnell, Owen Stachan; tradução Meire Portes Santos. – São Paulo : Cultura Cristã, 2022.

160 p.

Título original: *Designed for joy*
ISBN 978-85-7622-966-7

1. Gênero 2. Masculinidade e feminilidade I. I. Título

CDU-248

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para John Piper e Wayne Grudem

SUMÁRIO

Prefácio por John Piper	7
Introdução: Como o evangelho molda a masculinidade e a feminilidade? <i>Owen Strachan</i>	9
1 Ser um homem e agir como tal <i>Jonathan Parnell</i>	21
2 Comportamento masculino transmitido <i>Joe Rigney</i>	35
3 O feliz chamado à provisão holística <i>David Mathis</i>	43
4 O foco feminino <i>Trillia Newbell</i>	53
5 A natureza de uma criação feminina <i>Gloria Furman</i>	59
6 O que é submissão? <i>Christina Fox</i>	67

7 Ascensão diária a Deus	
<i>Tony Reinke</i>	75
8 Disciplina para o nosso bem	
<i>Andy Naselli</i>	85
9 Treinando nossos filhos em um mundo transgênero	
<i>Denny Burk</i>	93
10 Boas-novas para quem ainda não se casou	
<i>Marshall Segal</i>	105
11 Pureza com a qual podemos contar	
<i>Grant e GraceAnna Castleberry</i>	117
12 Minha recuperação do feminismo	
<i>Courtney Reissig</i>	125
13 Masculinidade imatura e a esperança de algo melhor	
<i>Brandon Smith</i>	133
Posfácio: A alegre convicção	
<i>Jonathan Parnell</i>	139
Colaboradores	145
Índice geral	149
Índice da Escritura	155

PREFÁCIO

E U PEDI PARA ESCREVER ESTE PREFÁCIO. Tinha a esperança de endossar este livro e ajudar a difundi-lo pelo Twitter. Mas, então, em um avião, indo para o Brasil, peguei um PDF deste livro e não consegui deixá-lo. Assim, eu disse ao Marshall Segal, um dos autores, que disse aos organizadores: “Se vocês aceitarem, eu gostaria de escrever o prefácio”.

A razão para meu entusiasmo é, parcialmente, nostalgia, parte gratidão, parte surpresa, parte admiração e parte esperança.

Os organizadores e a maioria dos autores deste livro ainda não eram adolescentes quando Wayne Grudem e eu estávamos organizando “o grande livro azul” chamado *Recovering Biblical Manhood and Womanhood*, de 1988 a 1991. Desta maneira, ver este projeto emergir 25 anos mais tarde com a mesma visão, e agora até refinada, é como ver o nosso bebê se formar na faculdade. Mas, é claro que minha nostalgia não é razão para você ler este livro. Então, vamos nos voltar para aquilo que mais importa.

Ao ler, crescia em mim um grande sentimento de gratidão a Deus pelo discernimento, sabedoria, talento, fidelidade bíblica e coragem desses autores mais jovens. A visão de masculinidade e feminilidade que eles estão anunciando é bíblica, linda e, infelizmente, insuportável para muitos na sociedade. Isto é, ela se adapta à fé em Cristo e enfurece aqueles que amam a atmosfera de autonomia

que projeta a eles mesmos – o que o organizador Owen Strachan chama de “deísmo narcisista otimista”. Desta maneira, sou grato pelo valor desses homens e mulheres, que estão dispostos a nadar contra correntes antibíblicas.

Meu encanto é que, depois de décadas desta luta, existe um envolvimento abrangente e robusto da linda visão bíblica da masculinidade e feminilidade que se complementam. Isso pode soar para você como evidência de pequena fé da minha parte. Talvez seja. Mas, se você tivesse provado a acidez das nossas audiências nos anos 1970 e 1980, você entenderia.

Nos últimos anos da década de 1970, nós éramos chamados de “obscenos” por sugerirmos que a Palavra de Deus ensinava papéis distintos e complementares para homens e mulheres, com base na masculinidade e feminilidade, não apenas na competência. Portanto, amplitude, maturidade, criatividade e alegria da multidão que acredita nessa complementaridade hoje desencadeiam uma feliz surpresa em mim.

E assim, quando me voltei para esses capítulos, li com admiração. Essas pessoas não são apenas bons pensadores e intérpretes fiéis da Bíblia, elas também são escritores talentosos. Amo pensar sobre o que esses homens e mulheres estarão escrevendo daqui a 30 anos. Se é tão bom agora, como será mais tarde?

Finalmente, tenho esperança. Eu estou chegando ao fim da minha sétima década. Assim, penso bastante nestes dias sobre o que é adequado para o avanço dos propósitos salvadores de Deus na terra nas décadas vindouras. Ler essas vozes me dá esperança de que Deus esteja trabalhando maravilhosamente para exaltar seu grande nome muito depois que eu partir.

Eu recomendo este livro a você, e oro para que a beleza da visão e a coragem de dizê-la sejam difundidas – para a supremacia de Deus em todas as coisas, para a alegria de todos os povos por intermédio de Jesus Cristo.

John Piper
Fundador e Professor
desiringGod.org

INTRODUÇÃO



*Como o evangelho molda
a masculinidade e
a feminilidade?*

OS LÁBIOS DA JOVEM TREMIAM. Lágrimas rolavam na sua face. Seu pai irado a encarava. “Eu pensei que você fosse o tipo de garota que não se metia neste tipo de encrenca”, disse ele. Ela olhou para ele, confusa e perdida: “Acho que não sei que tipo de garota eu sou”.

Esse diálogo apareceu em *Juno*, um filme comovente feito há poucos anos. É uma cena rápida, mas ficou em minha mente desde então. Nessa resposta da jovem, ouvi a confusão de toda uma geração. Tantos jovens, homens e mulheres, não sabem quem são. Nunca ensinaram a eles o que é um homem ou uma mulher. Eles podem ter visto dores terríveis em seus lares, e podem ter crescido sem pai, ou, menos comumente, sem mãe. Eles podem também ter tido um pai e uma mãe, mas seus lares estavam, de alguma forma, comprometidos com o pecado. A família não tinha o hábito de comer reunida. Os pais não eram felizes juntos. Os filhos cresceram sem disculpado ou investimento.

Estamos em 2015. As famílias estão em conflito. Como era de se esperar, muitos jovens, mulheres e homens, são carentes de um mapa rodoviário – um roteiro – para as suas vidas. Quando você está nesse estado confuso e desconcertante, não tem respostas para as perguntas mais básicas da sua vida. Isso é verdade sobre a sua identidade fundamental, que inclui a sua masculinidade ou feminilidade. O que quero dizer por isso?

Você precisa saber quem você é

Muitos estudantes do ensino médio, da faculdade e outros de vinte e poucos anos sabem que têm um corpo (isso é óbvio); além disso, eles sabem que são menino ou menina, homem ou mulher; e sabem que desejam seguir a Jesus. Mas têm pouca noção de como essas realidades se relacionam. Eles não sabem *para que serve* seu gênero, sua sexualidade. Assim, são vacilantes, estão confusos. Discretamente, talvez com alguma vergonha, fazem esses tipos de perguntas em sua própria mente:

- Qual é o meu propósito?
- Por que tenho esse corpo?
- O que significa ser homem ou mulher?

Este livro tem a intenção de ajudar a descobrir quem você foi feito para ser. Queremos dar-lhe uma visão inspiradora da vida como um rapaz ou uma garota. Nós vemos que a nossa sociedade o está treinando a pensar erradamente sobre gênero e sexualidade. Ela está lhe dizendo coisas como: não há diferenças essenciais entre homens e mulheres; você pode mudar o seu gênero se quiser, e isso é totalmente aceitável; você pode ser atraído a quem vier mais naturalmente a você – meninos podem gostar de meninos, meninas podem gostar de meninas; e, finalmente, não há responsabilidades ou chamados que estão conectados ao fato de ser homem ou mulher – você faz o que gosta.

Neste livro, nós vamos mostrar que essas ideias são falsas e prejudiciais. Vamos oferecer palavras verdadeiras e conselho bíblico, de tal maneira que você saiba quem é e para que foi criado. Nós veremos que somos projetados por Deus e que sua vocação nos traz alegria.

Não é oferecer a você “Dez dicas para ser o homem mais masculino dos homens, o mais masculino de todos” ou “Cinco maneiras de fazer toalhinhas de renda e cantar hinos do século 19 ao mesmo tempo”. Nós estamos chegando a esse assunto com uma perspectiva nova. Queremos que você enxergue que o evangelho, com as boas-novas da morte salvadora de Jesus e da ressurreição doadora de vida, é o fato central, a parte mais importante da sua vida como homem ou mulher que ama a Deus. O evangelho nos salva, nos refaz e nos ajuda a entender quem verdadeiramente somos e quem somos chamados a ser para a glória de Deus e para a nossa alegria.

O evangelho é o que nos liberta do nosso pecado... é o que nos permite viver plenamente, com o coração disparado, nossos pulsos galopantes, nossa vida se desdobrando diante de nós, cheios de esperança, cheios de significado. Com isso em nossa mente, consideremos agora quatro maneiras de o evangelho nos moldar como homens e mulheres.

O evangelho dá sentido à imagem de Deus

Uma das realidades fundamentais dos seres humanos, homens e mulheres igualmente, é que somos feitos à imagem de Deus. Veja Gênesis 1.26-27, que diz:

Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra.

Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Em outras palavras, nós somos criados de um modo especial para demonstrar a grandiosidade completa do nosso Criador. Fazemos isso criando, pensando, exercendo domínio e desfrutando de relacionamentos uns com os outros.

Mas até mesmo essa verdade teológica que inspira reverência pode ser um pouco abstrata, não pode? Nós podemos indagar: que papel o nosso corpo tem de desempenhar em ser a imagem de Deus?

Antes de sermos convertidos, entendemos que somos homens ou mulheres. Isso é bom. Mas é somente quando somos salvos pela graça do poderoso Deus é que verdadeiramente começamos a compreender o significado dos nossos corpos, da nossa sexualidade. Nós somos criados como homens ou como mulheres para ocupar nossa masculinidade e feminilidade para a glória do nosso Criador. Ele não nos fez todos iguais. Ele ama a diversidade, se regozija nela. Ele criou um mundo que pulsa com diferenças, que explode em cores, que inclui cataratas estrondosas, lagartos que inflam a si próprios e suricatos atentos. Mas a humanidade, homem e mulher, é o pináculo da sua criação.

Em Cristo, entendemos que nossa masculinidade ou feminilidade não é acidental. Não é desprovida de importância. É o canal por meio do qual da-

remos glória a Deus em todos os nossos dias. Nós fomos colocados aqui para refletir Deus. Depois da conversão, compreendemos que estamos aqui para dar evidência de sua grandiosidade. Fazemos isso em grande parte ao recebermos nossa sexualidade dada por Deus como um dom. Deus nos criou como “homem e mulher”, não como alguma outra coisa. A passagem acima anuncia três vezes diferentes que Deus “criou” o homem e a mulher, enfatizando o papel de Deus em fazer do homem e da mulher portadores de sua imagem. Existe intencionalidade, sabedoria e propósito na criação de Adão e Eva, como o evangelho nos liberta para ver.

Receber e se regozijar nessa realidade é simplesmente questão de adoração. Não é complicado, mas é profundo. *Eu sou um homem ou uma mulher projetado(a) exatamente assim por Deus*, deveríamos pensar com nós mesmos ao considerarmos o corpo dado a nós dos céus. *Da mesma maneira como o Grand Canyon foi criado para mostrar o poder de Deus, e o céu como obra de suas mãos, como homem ou mulher eu fui formado para demonstrar a beleza do seu plano brilhante*. Em nossa falibilidade, somos tentados a pensar que não temos uma razão maior para viver, e que somos apenas “dust in the wind” (poeira ao vento), como a famosa canção diz. Na verdade, somos diamantes no ermo, não acidente genético ou resultado excêntrico da história. Nós somos criação especial de Deus.

Você poderia somar esses pensamentos assim: como crentes, não somos Teletubbies cristãos, não somos bolhas evangélicas nem andróginos redimidos. Somos *homens* cativados pelo evangelho e *mulheres* cativadas pelo evangelho. Quando convertidos, chegamos ao entendimento de que nosso corpo é dado a nós como um vaso no qual colocamos a sabedoria, a inteligência e o amor de Deus em exibição.

Solteiros ou casados, jovens ou idosos, recebemos nossa masculinidade ou feminilidade como uma bênção. Nosso corpo, com seu modelo distinto, nos diz que há uma inteligência emocionante e uma história mais grandiosa por trás de nossa estrutura e forma.

O evangelho nos dá poder sobre nossas fraquezas naturais

O evangelho é nosso indicador fundamental de identidade. A obra de Cristo aplicada ao nosso coração é uma força tão incontrolável e irresistível, que nos

reconstrói inteiramente. É como se os nossos antigos delimitadores tivessem nos largado completamente, como Paulo diz: “[...] todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3.27-28). Esse texto não significa que o evangelho erradica a masculinidade e a feminilidade. *Significa* que nossa realidade fundamental na vida é a nossa identidade em Jesus Cristo.

Isso tem um valor prático imenso para nós. Como homens e mulheres, podemos ser tentados a certos estereótipos. Alguns jovens podem pensar que ser homem significa levantar 100 quilos, enterrar uma bola de basquete ou lutar com ursos de mãos vazias nas horas vagas (na verdade, se fizer isso, você é bem másculo). Algumas jovens podem pensar que ser uma mulher significa ser sexualmente desejável, uma amante da literatura e ter certa aparência. Ambos os grupos podem saber que nós somos facilmente tentados a encontrar nossa identidade masculina ou feminina em estereótipos. O evangelho significa más notícias para esses padrões. Ele nos diz que homens são líderes que se sacrificam e que as mulheres são seguidoras ousadas de Cristo.

Como homens e mulheres, nós seremos atraídos a certos comportamentos ímpios. Os homens hoje recebem a mensagem de serem idiotas, meninos que nunca crescem. Nós vemos tal imaturidade no fracasso inicial de Adão em proteger a mulher que Deus deu a ele. Nós também vemos seu egoísmo em sua atitude de culpar Eva por comer o fruto proibido (Gn 3.1-7, 12). Os homens são tentados por uma série de pecados, mas eles devem saber que o evangelho é o temido adversário de sua preguiça, egoísmo, irresponsabilidade e imaturidade. “Seja homem!”, diz Davi a Salomão (1Rs 2.2). Nós, homens, ouvimos esse apelo hoje. Reconhecemos que Jesus tem o mesmo desafio para nós – e tem toda a graça de que necessitamos para vencê-lo.

As mulheres hoje recebem a mensagem de que o valor delas está em sua aparência, ou suas habilidades sociais, ou sua habilidade de dominar os homens. Nós vemos tal desejo no fato de Eva ser enganada pela serpente e em seu desejo pós-queda de “governar” seu marido (Gn 3.16). Esse é um problema antigo com consequências modernas. As mulheres hoje recebem a mensagem de que encontrarão realização e felicidade duradoura em ser fortes. Elas são incentivadas a usar sua sexualidade como ferramenta de capacitação, são desafiadas a desdenhar da feminilidade. As mulheres cristãs sentirão essas

tentações e outras atraindo-as, mas elas devem saber que o evangelho nos mostra um caminho melhor. Ele abre a porta para um mundo mais feliz, um mundo de alegria. Em Cristo, o poder de pecar é vencido e a beleza distinta da feminilidade é celebrada.

A visão que o mundo nos oferece de masculinidade feliz e realização na feminilidade é falsa. É como o prato do jantar que parecia tão bom no Instagram daquele amigo, mas tem um sabor tão terrível no seu prato. Porém, a masculinidade egoísta e a feminilidade “feroz” não são muito grandes para nós; essas visões de nossa vida são muito pequenas. O pecado sempre parece ser um monstro, mas acaba como um rato. Ele não tem poder sobre nós, não tem garras em nós. Não podemos nos acovardar em face das tentações do mundo. Nós rimos delas.

Desprezamos os principados e potestades deste século. *Você acha que lascívia e poder vão me seduzir?*, dizemos. *A sua visão de felicidade é muito pequena. Mostre-me uma imagem da minha vida como homem/mulher a qual reflita a eternidade, e lhe darei atenção.* Em Cristo, nós encontramos algo melhor do que tudo que o mundo nos oferece. Nele, nos tornamos os homens ou mulheres que fomos planejados a ser.

O evangelho nos mostra a bondade dos limites

Lembro-me de ir para o acampamento de basquete quando jovem. Parte da expectativa do acampamento era ouvir pelo menos um discurso por semana dizendo que, se você praticar bastante, poderá ser o próximo LeBron.

Pode ser que você nunca tenha driblado com uma bola de basquete, mas é possível que já tenha ouvido algo semelhante. Todos nós já escutamos esse tipo de mensagem repetidas vezes: “Você é excepcional. Você é uma estrela! Você pode ser o que quiser! Não há limites para você na vida”. Muitos de nós têm ouvido dessa formulação tantas vezes, que já se tornou automático, impregnado em nós, e, de forma natural, consideramos que seja verdade.

Esse tipo de raciocínio está incorporado na cultura moderna. Porém, ele não é apenas um mantra brega. É um sistema espiritual em si. Em meu livro *Risky Gospel*, eu até dei um nome a isso: “deísmo narcisista otimista”. Creio que este seja o novo “deísmo moralista terapêutico”. A perspectiva básica de deísmo narcisista otimista é esta:

- A vida diz respeito, fundamentalmente, a mim.
- Eu mereço que a vida melhore e que me permita realizar todos os meus sonhos.
- Deus existe para me abençoar e fazer meus sonhos se realizarem.

Se isso soa como um cristianismo influenciado pela Disney, deve ser porque é mesmo. A única coisa que falta é um pequeno inseto voador com uma varinha mágica. Um resultado importante dessa maneira de pensar é este: você acaba crendo que não tem limites e que, se alguém sugerir que você tem, isso é mau. As pessoas que podem oferecer uma crítica construtiva são, na verdade, “odiosas”. Elas estão erradas e você está certo, porque, se o seu coração sente e quer isso, deve ser bom.

Essa perspectiva é desastrosa para a nossa saúde espiritual. Ela deixa de considerar a nossa corrupção, nossa pecaminosidade inerente, que significa que tudo em nós foi corrompido pela queda de Adão (veja Is 64.6; Rm 3.10-18). Essa perspectiva tem influenciado a maneira como muitas pessoas olham para seu corpo e vida. Elas dizem: “Eu posso ser o que eu quiser ser”. Se homem ou mulher, não significa nada no final. Não há estrutura ou ordem na vida.

Há muitas decorrências desse problema. Se um casal estiver casado e o homem sente que não deve trabalhar, então ele fica em casa. Se a esposa realmente deseja não passar muito tempo com seus filhos, ela não passa. Se um adolescente se sente como se fosse mulher, ele está livre para incorporar sua feminilidade. Se uma mulher de vinte e poucos anos se sentir atraída por outra mulher, então ela deve agir por esse instinto. O deísmo narcisista otimista nos diz que qualquer coisa que quisermos fazer ou ser, será ótimo. Deus é o grande motivador no céu. Não importa o que fizermos, ele está do nosso lado. Ele aprova todos os nossos desejos e aplaude todos os nossos instintos.

Essa concepção tem tanto a ver com o Deus bíblico quanto *cupcakes* têm a ver com Genghis Khan. Tragicamente, hoje em dia muitas pessoas seguem um deus de conto de fadas. O Deus da Escritura não é nosso “*coach*” da vida. Ele é o nosso *Senhor*. Como cristãos, nós estamos acostumados a essa palavra, e assim, ela perde seu significado mais profundo. Esse título divino significa que Deus é nosso dono. Ele é nosso soberano. Ele é nosso governante, e estabelece o tom para o que é certo e errado. Ele nos chama para prestarmos conta do nosso pecado.

O evangelho traz tanto más notícias quanto boas-novas. Ele nos informa de que nós somos pecadores e destinados ao julgamento eterno (Ap 20.14). Ele nos chama para sermos recriados (Cl 3.1-10). Nossa necessidade principal não é afirmação, mas transformação pelo poder de Cristo (Rm 12.1-2). Quando o assunto é sexualidade, nós temos limites estabelecidos por Deus. Esses limites não são maus; eles são bons para nós. Os homens são vocacionados para serem homens. As mulheres são vocacionadas para serem mulheres. Nós não estamos livres para escolher nossas predileções sexuais. Nós não temos autoridade para refazer nosso gênero.

O evangelho abre os nossos olhos para a bondade da nossa masculinidade e feminilidade, e a beleza correspondente a viver de acordo com a vocação de Deus. Nós não estamos radiantes por nos vermos livres dos limites de Deus que são sábios e cheios de vida. Quando Adão e Eva deixaram de ouvir a Deus desobedecendo a seus mandamentos e ignorando seus limites divinamente ordenados, eles caíram, e todos nós caímos com eles (Gn 3.1-7). Não foi vida que veio por intermédio da imprudência deles, mas morte.

Em todos os lugares ao nosso redor, a nossa cultura celebra a rebelião e a obstinação. A Escritura nos convoca a algo melhor, e esse chamado abarca toda a nossa identidade, inclusive nossa masculinidade ou feminilidade. Não tente se tornar algo que você não é. Aceite quem Deus fez você para ser, e o que ele o chama para ser em sua Palavra. Lá, e não nos credos egoístas de uma idade influenciada pela Disney, é onde você encontrará a verdadeira felicidade e a verdadeira liberação.

O evangelho libera alegria para homens e mulheres

Algumas vezes, quando cristãos falam sobre aceitar seus papéis bíblicos de gênero, somos ouvidos apenas como alguém que deseja que as pessoas façam o que é certo. Vamos esclarecer isso: acima de tudo, nós, defensores da complementaridade, queremos ser homens piedosos e mulheres piedosas que experimentam da alegria que vem de conhecer a Deus e de viver sob sua Palavra.

Quando você é salvo, não vê mais qualquer área da vida como um peso. Você a vê completamente como um jardim de prazer. Tudo à sua frente apresenta uma oportunidade de dar louvor e honra ao seu Criador e Salvador (1Co 10.31).

Isso se estende, de fato, até ao que você come e bebe – em outras palavras, às partes mais básicas da sua existência diária! Isso é incrível.

Isso nos ajuda a entender como devemos viver como homens e mulheres. Agora nós sabemos que, como cristãos comprados por sangue, nós temos a oportunidade de magnificar a grandeza e bondade de Deus como homens e mulheres. Nossa sexualidade, então, não é incidental. Não é sem importância. Não é uma maldição da qual queremos nos ver livres. Não é um peso que Deus nos deu e que fazemos tudo o que podemos para minimizar. Nossa masculinidade e feminilidade são percursos projetados por Deus para nos regozijarmos.

A nossa sexualidade não foi projetada por um empresário, um pornógrafo vitimizador ou um pretense Jason Bourne. A masculinidade foi produzida pela inteligência espetacular do Pai. A feminilidade foi criada pelo brilhantismo cósmico do Pai. A nossa cultura nos diz o oposto: “Claro, você pode nascer com algumas partes, mas isso não significa nada. Homens e mulheres são intercambiáveis. Gênero é maleável, mutável, não fixo, sem importância”. Isso é o oposto do testemunho bíblico. Deus fez Adão como homem. E depois Deus formou Eva, uma portadora da imagem de Adão como ser humano, mas diferente dele como mulher. Ela tinha um propósito na criação: ser sua “auxiliadora”, um título nobre condizente com uma alta vocação (Gn 2.18).

Quando Iavé trouxe Eva para Adão, o homem não meneou a cabeça em desapontamento ao vê-la. Ele explodiu com louvor e prazer:

E disse o homem:

Esta, afinal, é osso dos meus ossos

e carne da minha carne;

chamar-se-á varoa,

porquanto do varão foi tomada (Gn 2.23).

Se isto é lido na igreja, provavelmente é lido linearmente, sem muita ênfase. Na realidade, toda a seção devia ser em MAIÚSCULAS. O homem “por fim” tem sua parceira pactual. Ele não está mais solitário, ele tem uma ajudadora, e descobre que a mulher é diferente dele, criada de modo assombrosamente maravilhoso, e essa diferença o emociona e leva-o a gritar em louvor ao seu Criador.

O corpo, vemos, é bom. A masculinidade é boa. A feminilidade é boa. Nós não somos todos iguais, de acordo com nosso sexo. Nem todos os homens têm

ombros largos e uma mandíbula fina e proeminente. Nem toda mulher tem certa forma e cabelos lustrosos. Mas, seja como for a nossa aparência, todos damos imensa glória a Deus simplesmente por viver alegremente como homens ou como mulheres, saboreando nosso projeto divino, aproveitando as oportunidades (discutidas em capítulos próximos) para viver obedientemente como seguidores de Cristo de acordo com nosso sexo e nosso chamado cristão fundamental.

É por isso que estamos aqui. É disso que o movimento da complementaridade trata, explodindo de vitalidade. Esta é nossa esperança e alegria para você: que, detendo a sua masculinidade e feminilidade e vendo-as através das lentes esclarecedoras do evangelho, você dê a Deus muita glória, e experimente muita alegria.

Identidade reconfigurada

Quero deixar com você uma história verdadeira que reúne muito do que temos abordado aqui. É a história de um menininho que tinha um corpo fraco. Ele não podia andar e era carregado para todos os lugares aonde ia. Com o passar do tempo, se tornou carente e choroso. Se você o visse, teria dó. Ele ainda não tinha dez anos de idade e já estava bem atrasado.

Mas, então, algo aconteceu. O menininho foi adotado por uma família cristã. Entretanto, aquela não era uma família comum. Era liderada por um pai piedoso, um homem cuja mistura de ternura e autoridade extraía respeito de sua esposa e filhos. O lar deles não era o tipo ultramoderno que vemos no Netflix atualmente – adolescentes virando os olhos, caos reinando, papai fora do ar com seu iPhone, mamãe tentando domesticar crianças muito distantes dos seus limites. Este era um lar em que um pai treinava e pastoreava seus filhos, e a mãe se dedicava a eles. Este era um lar onde existia a expectativa de que você fizesse a sua parte, procurasse maturidade e sacrificasse seus interesses pelos de outros.

Este foi o lar onde o menininho entrou. Ele não podia articular seus sentimentos, mas sabia que algo era diferente. Existia ordem. Existia disciplina. E havia amor, amor abundante, que se derramava em risadas, brincadeiras e conversas reais. Mas o menino não era o único que assistia. O pai estava assistindo também. Ele pensou consigo mesmo: *Este menino não é deficiente. Ele não será um gênio. Mas eu creio que ele pode andar.*

Depois de alguns dias, ele decidiu não manter esses pensamentos para si. Ele incentivou gentilmente o menininho, seu novo filho, a tentar andar. E o menino tentou. A princípio ele não se saiu muito bem. Parecia que não andaria. Sua identidade própria estava definida. Mas, então, algo clicou. O menino deu um passo e depois outro. Um tropeção se tornou uma caminhada. Logo, logo, também foi incluído no turbilhão da casa. Ele não era o mais rápido, e as outras crianças muitas vezes tinham que ajudá-lo. Mas o interruptor estava ligado novamente. O menino vivificou. Sua força era maior do que sua fraqueza. Sua identidade foi reconfigurada.

Essa história verdadeira ilustra elegantemente o que acontece quando o evangelho fala à nossa sexualidade. Nós ganhamos força do poder da obra redentora de Cristo para nos tornarmos quem fomos criados por Deus para ser. Antes nós éramos fracos; agora, no Espírito, somos fortes.

Certa vez, como a jovem de *Juno*, nós não sabíamos que tipo de homem ou mulher nós éramos. Nós não sabíamos *para que* servia nossa masculinidade ou feminilidade. Agora, em Cristo, nós entendemos. Agora, como uma criança dando seus primeiros passos cambaleantes, estamos livres para andar. Agora, em Cristo, estamos livres para correr.